

A Dolorosa Carta dos Presos Políticos Militares Argentinos

Valmir Fonseca Azevedo Pereira

11 de setembro de 2011

Ontem lemos a carta do Coronel “VGM” Horácio Losito.

Impossível não estremecer, não lastimar. O massacre físico e moral perduram e dizem sem piedade, com a aquiescência da população, a glória, as tradições e a honra dos militares argentinos.

A carta não é um lamento, é um desabafo. É uma tragédia, um grito de amargura, de tristeza.

Na Argentina, a *guerra* contra a subversão foi sangrenta. Indiscriminadamente, os militares eram alvos, tanto que durante um bom período foram proibidos de andar fardados.

Lá, como aqui, os derrotados na *guerra* desencadeada pela Internacional Comunista subiram ao poder. E com as mesmas armas de convencimento ganharam os louros da governança. E da justiça.

Aqui, aconteceu o mesmo, ou melhor, na impossibilidade do fuzilamento no “*Paredón*”, ou da prisão arbitrária sob a égide de uma justiça parcial, preferiram o desgaste de longa duração.

Empenharam-se em difamar, desmoralizar, e conseguiram, mas diante da inquestionável verdade de que os agentes da repressão, militares ou não, enfrentaram um bando de criminosos, não foram capazes, apesar do empenho, de crucificá-los em praça pública.

Mas restou o revanchismo, uma doce vingança curtida ao máximo, com esplendidos resultados.

Na Argentina, eles conseguiram. Causaram um dano irreparável às Forças Militares daquela Nação. Basta ler a CARTA para termos uma pálida ideia do calvário que os militares argentinos padecem. E não se esqueçam de suas famílias.

Assim como os militares brasileiros são civis fardados, os militares argentinos são cidadãos argentinos.

No Brasil, a *esquerdalha* deve lamentar não ter chegado a tanto, de pôr nas grades cidadãos que cumpriam ordens, que buscavam manter a paz

e a tranquilidade da população com o sacrifício da própria vida. Mas eles não sossegam.

A Comissão da Verdade está afiando as garras para o trucidamento, para jogar sobre aqueles brasileiros a pecha de assassinos, de vândalos, de canalhas. Pretendem criar e exacerbar o “*Clamor Público*” para, ao arrepio das leis, transformar inocentes, dedicados profissionais na pária nacional.

Nós, após tantos reveses, após tantos silêncios, tantas omissões e falta de coragem, tememos o que poderá acontecer.

As Forças Armadas, formadoras daquela parcela escolhida entre os seus melhores profissionais que atuaram contra o terrorismo, os assaltantes de bancos e os seqüestradores, ao se omitirem na defesa de seus integrantes, cometem perjúrio; e no seu conivente silêncio, dão surpreendente aval à canalha, por óbvio, admitem que foram péssimas escolas e geraram sádicos e irresponsáveis.

Por isso, para evitar a formação de futuros degenerados, impõe-se a revisão dos currículos militares. Que sejam expurgados velhos princípios, que se danem os Valores e as Virtudes que caíram em desuso e foram atropelados pela *nova ideologia* que grassa no Brasil, a vigência da irresponsabilidade, da corrupção, *do não sei, do não vi, e do nada tenho com isto*.

Esqueçamos os nossos instrutores nas Escolas, lembrem-se, aqueles que admirávamos, pois ao pregarem a lealdade, o respeito à Hierarquia e à Disciplina, construíram os monstros da nossa geração militar.

Deploramos o que ocorre na Argentina e aos 400 militares presos em diferentes penitenciárias do País.

Mas lamentamos o que ocorreu, ocorre e ocorrerá por aqui. Com pesar vemos uma IDENTIDADE que pesquisamos forjada desde o nosso descobrimento, a PERSONALIDADE do Exército Brasileiro, sendo maculada. Com a mais profunda magoa, não podemos dizer que *não vimos, que de nada sabemos*, pois vivenciamos este lamentável episódio de desconstrução de uma admirável Instituição.

Observações:

- 1) O autor é General do Exército Brasileiro e presidente do TERNUMA;**
- 2) As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, o pensamento da Academia Brasileira de Defesa.**